

FORMANDO PROFESSORES: SALA DE AULA E ORIENTAÇÃO DOS MONITORES NO PROJETO CLAC

FORMING TEACHERS: THE CLASSROOM AND MONITOR SUPERVISION IN THE CLAC PROJECT

Marilia Santanna Villar¹

Resumo

O presente artigo visa a apresentar como o CLAC propicia aos monitores uma experiência que os prepara para sua profissão sob diferentes aspectos: os alunos monitores integram uma equipe de professores em formação, com reuniões regulares para o melhor funcionamento do curso, troca de material e preparo conjunto de diferentes tipos de atividades. Essas atividades não se limitam àquelas usadas em sala de aula, mas estão aí também inseridos os diferentes tipos de projetos desenvolvidos para a Feira Cultural ou para o Fórum CLAC. Mostramos aqui também como se dá o trabalho de orientação que se propõe como um momento de preparação, de acompanhamento do trabalho do monitor. É um espaço em que se busca a valorização de atitudes e escolhas bem feitas, assim como a crítica construtiva, quando esta é cabível. A prática em sala de aula é também acompanhada da sugestão de textos teóricos e a experiência do CLAC vem, assim, complementar a formação pedagógica desse professor em formação.

Palavras-chave: formação de professores; competências; prática.

Abstract

This article aims to present how the UFRJ Language Courses Open to the Community (CLAC) provides its monitors with an experience that, under different aspects, prepares them for their profession: the monitors integrate a team of teachers in formation, with regular meetings for a better course functioning, exchange of materials and group preparation of different types of activities. These activities are not limited to those to be performed inside the classroom, but also involve the different types of projects developed for the Cultural Fair and the CLAC Forum. We also describe the process of monitor supervision, an activity that is supposed to be a moment of preparation and orientation of the monitor's work. It is a space that seeks to value positive attitudes and well-made choices, as well as the constructive criticism, when suitable. The classroom practice is also followed by the suggestion of theoretical texts, so the CLAC experience complements the pedagogical formation of this future teacher.

Keywords: Teacher's formation, competences, practices.

Introdução

A dificuldade da tarefa de formar bons professores consiste, basicamente, em dois fatores: o professor deve não apenas ser competente na disciplina que ensina, mas também deve saber ocupar o lugar de professor na sala de aula. Se, de um lado, esses dois aspectos são óbvios e transparecem em muitos comentários dos próprios alunos a respeito de seus mestres — “Ele sabe a matéria, mas não sabe ensinar” — por outro lado, a formação desse profissional é complexa e necessita de um cuidado especial, sobretudo no que diz respeito à prática em sala de aula. No presente artigo, nosso objetivo é refletir sobre a prática docente em formação. O que significa ter o domínio do conteúdo e saber propiciar aos alunos o acesso a esse conteúdo? Analisamos aqui, especificamente, o papel do projeto CLAC-UFRJ e sua contribuição na formação do professor de língua estrangeira.

Como sabemos, grande parte dos alunos que cursam uma Faculdade de Letras prepara-se para a docência. Sua formação começa, certamente, muito antes do ingresso no curso universitário por eles escolhido. Seja como aluno de Ensino Médio, seja como aluno de cursos livres, o indivíduo já vem sendo observador da prática de seus professores e, mais ou menos conscientemente, já fez escolhas de muitas atitudes que lhe pareceram produtivas, abominando outras, que representaram uma experiência negativa ao longo de sua formação. No curso de Licenciatura, a grade curricular prevê uma série de disciplinas teóricas que têm como objetivo preparar o futuro professor, dando-lhe noções de psicologia, sociologia, leis que regem a Educação no país. Tudo isso para que ele se sinta amparado na prática de sua futura profissão. A Faculdade de Educação prevê, igualmente, o estágio supervisionado que é, em muitos casos, o primeiro contato do futuro professor com a alternância de papéis: ele, que sempre se via sentado no meio dos alunos, troca de lugar e assume a função de educador. É sempre uma experiência reveladora, essa do primeiro encontro com a turma. O estagiário, nervoso, vê o quanto ele sabe — e o quanto desconhece — e vivencia o fato de que assumir o lugar de professor implica em uma responsabilidade real.

No currículo de licenciatura dos cursos de Letras da UFRJ, são dedicadas 400 horas ao estágio supervisionado, conforme exige a Resolução CNE/CP/02/2002. O estágio é amparado também pelas disciplinas de Didática Especial e Prática de Ensino. A presença do estagiário em uma escola — acompanhando o trabalho do professor regente e seguido de perto pelo professor da prática de ensino — leva-o ao ambiente que será seu ambiente de trabalho por longos anos, ao contato com alunos de carne e osso com qualidades e defeitos reais e tudo isso contribui para que ele, ao concluir o período de estágio, sinta-se mais preparado para exercer sua profissão.

Na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, os alunos do curso de Licenciatura encontram, ainda, no projeto CLAC (Cursos de Língua Abertos à Comunidade), outro espaço para esse preparo prático para a carreira de professores de língua. O CLAC traz aos monitores uma experiência ímpar: ainda durante a graduação, eles integram uma equipe de professores em formação, com reuniões regulares para o melhor funcionamento do curso, troca de material, preparo conjunto de atividades e/ou provas. Essas atividades não se limitam àquelas usadas em sala de aula, são muitas as sugestões de projetos para a Feira Cultural ou para o Fórum CLAC que nascem desse trabalho conjunto.

A equipe de monitores é acompanhada pelo orientador. Os encontros semanais que são dedicados não apenas à discussão de problemas didáticos — como seria a melhor utilização do livro, o uso de materiais autênticos e esclarecimento de dúvidas relacionadas ao conteúdo —, mas também são o momento para os monitores apresentarem problemas de ordens diversas aos quais são confrontados nessa experiência em que, pela primeira vez, ocupam o lugar do professor. Insegurança, apatia por parte dos alunos, turmas heterogêneas, alunos que se mostram descontentes ou até mesmo alunos que exercem certo tipo de assédio em relação ao monitor ou a colegas do grupo. É aí que outros monitores podem dar sugestões práticas que funcionaram em determinadas situações; o orientador, pelo seu papel de mediador e por ser mais experiente, aconselha também. Às vezes,

são dicas simples, relativas ao mundo virtual tão presente nesse século XXI em que a evolução tecnológica avança tão rapidamente. Como fazer com relação a uso de *blogs*, *Facebook* ou *e-mail* para complementar o trabalho de sala de aula? Até que ponto essas ferramentas tecnológicas podem ajudar e até que ponto podem dar ao aluno acesso a informações muito pessoais sobre os colegas e o monitor responsável pela turma? Às vezes, a criação de uma página de *Facebook* só para o CLAC torna-se uma opção interessante, sobretudo para monitores que trabalham com o primeiro período, com alunos que ainda não se conhecem e com turmas numericamente muito grandes.

Como se dá essa interação dos monitores entre si e com o orientador?

O trabalho de orientação se propõe como um momento de preparação, de acompanhamento do trabalho do monitor, em que não se busca uma “fiscalização” do que está sendo feito, mas a valorização de atitudes e escolhas bem feitas, assim como a crítica construtiva quando esta é cabível. Nesse sentido, são sugeridos também textos teóricos para contribuir com a formação desses monitores. Textos que refletem essas questões práticas por eles vividas na sala de aula. No caso da monitoria de língua francesa, muitos textos de especialistas no ensino de FLE (Francês Língua Estrangeira) ou artigos da revista *Le Français dans le monde* podem contribuir. Questões da atualidade no ensino de FLE são discutidas em cada número da revista, levando-se em conta sempre casos concretos. Assim, discussões sobre como trabalhar a expressão oral e a leitura de artigos que falam também do contexto sócio-econômico do aluno, entre outros, são atividades complementares sugeridas. Em minha experiência como professora orientadora, tive alunos que salientaram a pertinência dos textos, dizendo, inclusive, que esses foram úteis para trabalhos que estavam desenvolvendo para a prática de ensino em francês. E é esse exatamente o ponto que o presente artigo pretende desenvolver: como essa experiência prática de monitor do CLAC complementa a formação do aluno que, ao sair da Faculdade de Letras, será mais um professor não só em um mercado de trabalho crescente — esse do ensino de línguas estrangeiras —, mas também de um mercado de trabalho em que tantas vezes o professor se

encontra abandonado, seja porque não faz parte de nenhuma equipe e o coordenador é apenas um conceito, sem que haja um verdadeiro trabalho de coesão dos professores, seja porque faltam muitas vezes boas condições no ambiente de trabalho. O material disponibilizado muitas vezes é precário e as salas de aula, inadequadas. O CLAC representaria, portanto, uma transição gradativa entre o aluno de graduação e o profissional formado que integrará o mercado de trabalho fora da faculdade.

Os textos teóricos lidos pelos alunos visam também a que estes desenvolvam ainda mais seu espírito crítico a ponto de serem mais autônomos e capazes de prepararem seu curso a partir de sua própria opinião pessoal. Esse aspecto é bastante importante, porque o planejamento é discutido com o orientador e com os demais monitores, mas é definido pelo monitor da turma. Se ele achar pertinente alguma consideração feita pelos demais e decidir mudar, pode mudar, embora não seja obrigado a fazê-lo. As trocas de experiências levam ao questionamento, os monitores são obrigados a se posicionarem diante de um problema e a encontrarem uma solução. Como exemplo, posso citar uma situação específica, relacionada ao primeiro período do curso de língua francesa: um monitor que tivera anteriormente o grupo de primeiro período queixou-se do fato de o tempo verbal “*passé composé*” aparecer na última lição e, consecutivamente, na última prova do francês I. Não haveria tempo hábil para se trabalhar a formação e o uso do *passé composé* em uma última aula antes da revisão. Várias sugestões foram feitas pelos próprios monitores do semestre seguinte. Todos foram unânimes em começar o *passé composé* mais precocemente. Mas os caminhos escolhidos para essa atividade foram distintos: houve quem preferisse antecipar determinada lição do livro e quem preferisse levar por fora o material destinado à explicação do *passé composé*. As decisões foram respeitadas e os monitores puderam se sentir verdadeiramente no comando de seus grupos. Talvez os monitores tenham se arrependido da decisão que tomaram. Talvez não. De qualquer modo, essas experiências são o que forma o professor e o que dá a ele respaldo para tomar suas próximas decisões.

No CLAC, os monitores desempenham suas atividades, compreendendo que suas decisões se fazem como uma resposta às condições a sua volta. Se os alunos de uma turma caminham mais rapidamente, não se trata de obrigar a outra turma de mesmo nível a seguir o mesmo ritmo. Cada aluno, cada grupo, cada monitor será levado a desenvolver sua própria resposta para seus problemas em dada situação. Sempre contando com a possibilidade de discutir essas questões com o orientador e com os monitores mais experientes.

Partindo do princípio de que os seres humanos se desenvolvem pelas relações que estabelecem com seu meio, Perrenoud (1999) vê as competências não como um caminho, mas como um efeito adaptativo do homem às suas condições de existência. Desse modo, cada pessoa, de maneira diferente, desenvolveria competências voltadas para a resolução de problemas relativos à superação de uma situação, como, por exemplo, saber guiar-se no caminho de volta para casa a partir de um ponto de referência, o que mobiliza competências de reconhecimento ou mapeamento espacial; saber lidar com as dificuldades infantis, o que aciona competências pedagógicas; saber construir ferramentas, o que estimula competências matemáticas e lógicas, entre outras (BESSA, p. 151).

A língua estrangeira e a cultura do outro

Para ilustrar melhor como os cursos do CLAC trabalham o componente cultural no ensino de uma língua estrangeira, volto-me agora, rapidamente, para a Feira Cultural, evento que voltou a integrar o calendário do CLAC em 2011. Trata-se de um evento que acontece ao final do ano, em novembro/dezembro e para o qual os alunos e monitores do CLAC se preparam ao longo de todo o segundo semestre. As atividades aproximam os alunos de uma multiculturalidade através do estudo da nova língua que eles começam a conhecer. No nosso caso específico, a língua francesa. Muitos projetos incluem Paris e vemos o encanto dos alunos e monitores pelos *clichés* que cercam a capital francesa e os lindos e eternos cartões postais da

Torre Eiffel e Notre Dame. Mas não ficam apenas nos *clichés*. Buscam também elementos culturais menos conhecidos, como canções natalinas — já que a Feira acontece no final do ano — ou certas especialidades culinárias. A música é sempre bem-vinda, seja com a formação de um coral, seja com uma pequena apresentação. Mas outros países francófonos também já foram contemplados com projetos na Feira Cultural do CLAC como, por exemplo, a Bélgica. Além de informações diversas sobre esse país pouco conhecido entre nossos alunos, também fizeram jogos interativos e biscoitos típicos. No dia da Feira Cultural propriamente dita, o mais interessante é que os alunos dos diversos cursos podem circular e conhecer mais sobre a cultura de outros países, e os corredores da Faculdade de Letras transformam-se em um espaço cosmopolita em que se ouvem várias línguas e se provam sabores distintos. Em meio a origamis e *croissants*, é possível se deparar com um ateliê de *cupcake* com receitas em inglês e, ao fundo, ouvir uma música em uma língua para você desconhecida. É um momento de lazer e de crescimento cultural para todos os envolvidos e isso fica estampado nos rostos dos orientadores e da equipe CLAC, que trabalha muito para que essas atividades aconteçam nas melhores condições possíveis.

Além da Feira Cultural, temos também o *Fórum CLAC*. Por que criar um evento como o *Fórum*? Os monitores ficam no Projeto, às vezes, por dois anos, às vezes por pouco menos do que isso. Ao longo de sua atuação na monitoria CLAC, são muitos os trabalhos que desenvolvem com seus grupos. Muitas questões interessam nosso público: desde as mais tradicionais (como o preparo de avaliações orais e escritas), passando por atividades práticas em sala de aula (relacionadas, por exemplo, ao uso de jogos ou Internet), como a análise de questões mais pontuais (análise do livro didático adotado no CLAC). Todos esses são temas com os quais nossos monitores são confrontados em sua prática cotidiana. São muitas vezes trazidos para discussão nas orientações. Assim, a organização de um Fórum para suscitar novos questionamentos e para divulgar o trabalho realizado mostrou-se quase que uma necessidade para dar voz aos monitores, abrindo mais um canal em que os envolvidos com o Projeto

podem questionar a prática que fazem. Aqui são facilitadas as trocas de experiências entre monitores de diversos idiomas. Talvez as inovações utilizadas por alguns sejam práticas usuais para outros, talvez exercícios usuais para alguns sejam “tabus” para outros. É esse, portanto, o papel desempenhado pelo Fórum CLAC: estabelecer pontes entre os diferentes cursos, mostrar lado a lado a música árabe e a japonesa, a poesia francesa e a grega e como podemos levar esses elementos para a sala de aula. Além das conferências e minicursos — cujos temas são selecionados pela Comissão Organizadora levando em conta a relevância para nossos monitores —, o Fórum CLAC acolhe comunicações feitas pelos monitores, com relatos de experiência ou artigos que analisem tais questões com uma perspectiva prática.

A formação de professor não pode ser feita desvinculada do trabalho de pesquisa. É por isso que mesmo alunos que não integram projetos de Iniciação Científica encontram no Fórum o espaço para desenvolverem um trabalho de pesquisa acadêmica que poderá ser eventualmente a descoberta de um tema para uma especialização ou Mestrado. É, assim, que a cada ano, os orientadores encorajam seus alunos a apresentarem suas experiências nesse espaço. Muitas vezes, o monitor encontra-se desanimado porque sabe que a decisão de preparar uma comunicação implica em mais trabalho e ele acredita que o que vai dizer no Fórum não representa, talvez, nenhuma novidade ou é um problema com o qual todos estão acostumados. E qual não é a sua surpresa, às vezes, quando uma comunicação feita traz à tona uma série de comentários dos colegas que estão, sim, acostumados àquele problema, mas não sabem como reagir diante dele. Então, não basta o diagnóstico do problema, as sugestões feitas pelo monitor em sua comunicação ou as sugestões apresentadas pelos colegas no momento de discussão após a apresentação são essenciais para o crescimento de todos. Desse modo, o percurso acadêmico toma consciência de sua própria incompletude e da necessidade de se estar em formação contínua. Não basta usar uma lógica disciplinar e acadêmica, o professor deve analisar a complexidade com que convive em sala de aula. É o que diz Perrenoud (1999) quando fala sobre a escola

francesa e o preparo dos professores:

No total, não faltam ocasiões em que os professores estão confrontados com a complexidade, graças aos estágios em sala de aula, mas a formação, mais do que trabalhar essa complexidade como seu principal objeto, está trabalhando com uma lógica disciplinar e acadêmica.

A “revolução das competências” só acontecerá se, durante sua formação profissional, os futuros docentes experimentarem-na pessoalmente. A formação contínua está desenvolvendo-se. Está indo na direção de um desenvolvimento de competências orientado para a profissionalização (PERRENOUD, 1994^a, 1996), para o acompanhamento de equipes e projetos de estabelecimentos e para a análise das práticas, das situações de trabalho e dos problemas profissionais (p. 95).

A complexidade da sala de aula nunca será definida na teoria. Cada aluno é um indivíduo com uma história pessoal própria e encontra-se inserido em um grupo que também tem uma história coletiva própria — em certos estabelecimentos, os alunos são mantidos em um mesmo grupo ao longo de sua formação; em outros, evita-se que as turmas tenham sempre a mesma configuração. O professor também será diferente em diferentes grupos, sentindo-se mais à vontade ou mais próximo de uns e menos próximo de outros. É impossível criar uma lista de atitudes que o professor deve tomar em um ou outra situação, assim como é impossível elencar todas as situações-problema com as quais nos deparamos ao longo do exercício de nossa profissão. Sem levar em conta situações de aprendizado que não são propriamente um problema, mas que se mostram diferentes da norma. Como lidar com elas? Não há receitas para nada disso. Nossos monitores têm, assim, o privilégio de vivenciar uma experiência de ministrar aulas de língua enquanto se preparam para sua carreira futura. Ao mesmo tempo em que leem os teóricos que os preparam para esse ofício, vivenciam o ofício nas salas do CLAC e veem, exemplificada na complexidade da sala de aula, muitas das situações-problema sobre as quais leem. Isso é certamente uma confirmação da necessidade de o professor estar em contínua formação, preparando-se para as turmas em que já leciona, assim como para aquelas que ainda lecionará; preparando-se para a sociedade em contínua mutação

em que vivemos nesse muito agitado século XXI. Assim, nossos alunos vivenciam que

o professor intervém num meio ecológico complexo, num cenário psicológico vivo e mutável, definido pela interação simultânea de múltiplos fatores e condições. Nesse ecossistema, o professor enfrenta problemas de natureza prioritariamente prática, que, quer se refiram a situações individuais de aprendizagem ou formas de comportamentos de grupos, requerem um tratamento singular, na medida em que se encontram fortemente determinados pelas características situacionais do contexto e pela própria história da turma enquanto grupo social. (GOMEZ, 1995, p. 102)

Como o monitor tem um retorno sobre sua prática docente?

O curso do CLAC não corresponde a um estágio, mas tem também a preocupação de dar ao monitor um retorno sobre sua atitude em sala de aula. É claro que o primeiro retorno é informal, é aquele que parte espontaneamente dos alunos e, às vezes positivo, às vezes negativo, costuma afetar muito o professor responsável pela turma. Por vezes, são elogios vagos, isolados ou coletivos, o reconhecimento ao final de um período cursado, em que os alunos perguntam ao monitor se ele continuará com o grupo no semestre seguinte. Por vezes, são sugestões de algum outro tipo de atividade, pedido de modificação de alguma atitude. O orientador pode, eventualmente, assistir a algumas aulas e dar sua opinião, fazendo sugestões. No entanto, pelo menos no curso de francês, a orientação costuma restringir-se aos comentários feitos pelo próprio monitor ou pelos alunos. Assim sendo, torna-se imprescindível o documento de avaliação do monitor por parte dos alunos.

Claro que nem sempre o documento é preenchido com muito cuidado. Certamente, há alunos que criticam o monitor sem motivos ou outros que preferem atribuir a nota máxima ao monitor, simplesmente, para concluir logo esse questionário que acham tedioso. No entanto, há um bom número de alunos que compreende o objetivo do questionário e o preenche conscientemente, procurando mostrar os pontos fortes e fracos do curso em

si e do monitor responsável por sua turma. Alguns itens avaliados são bastante objetivos, como pontualidade e frequência. Outros tópicos são mais vagos como “relação com os alunos” ou “equivalência do conteúdo visto em aula e cobrado na avaliação”.

Talvez, em um primeiro momento, o monitor sinta-se mal quando vê que não recebeu apenas conceitos “A” e “B”, mas que em alguns quesitos seus alunos o consideram não tão bom quanto ele pensava ser. Mas, quando há uma certa quantidade de alunos unânimes em avaliar um monitor com “C” em um dado quesito, isso é algo para ser levado em conta. Se um bom número de alunos considera o desempenho do monitor como regular, por exemplo, na preparação de material, não basta que este diga: “Mas eu preparo tanta coisa além do livro. Eles são injustos”. É preciso exatamente que ele tente avaliar em que medida as atividades preparadas correspondiam ao nível da turma — atividades fáceis demais ou difíceis demais desanimam. E é preciso ainda que se lembre: não é o número de páginas de exercícios extras que dirá se aquele é um bom ou um mau professor. Assim, as fichas de avaliação têm um papel fundamental também na autoavaliação dos monitores. Estes devem, após a leitura das avaliações, passar à reflexão sobre sua prática, nunca, porém, deixando-se desanimar pelas críticas, mas aprendendo a fazer delas um ponto de partida para mudanças — se necessárias — ainda no semestre em curso e em sua prática futura.

Portanto, para que as fichas de avaliação dos monitores possam desempenhar esse importante papel de reflexão, devemos valorizá-las e talvez até mesmo pensar em estruturá-las de uma maneira mais adequada. Com relação a esse trabalho de reflexão sobre a prática docente partindo dos comentários dos alunos no CLAC, é importante que levemos em conta três aspectos centrais.

Em primeiro lugar, o fato de que os alunos do CLAC deverão ser devidamente instruídos acerca do objetivo das fichas e levados, assim, a preencherem atentamente o documento. Em segundo lugar, é necessário

que os monitores aprendam a ler essas fichas, alegrando-se com suas qualidades ali ressaltadas e aprendendo com as críticas que eventualmente possam existir. Por último, é imprescindível que alunos, monitores, organizadores e demais membros do CLAC revejam o documento e seu uso — evitar que as turmas preencham o documento em um dia próximo a feriado, quando há poucos alunos presentes, tornar mais claros alguns itens cuja redação deixa margem a dúvidas, propor talvez mais espaço para que os alunos redijam seus comentários pessoais, mantendo a avaliação pela atribuição de notas, mas dando ao aluno espaço para explicar não somente por que atribuiu “D” ou “E” para algum item, mas que ele tenha também a possibilidade de comentar aspectos positivos do monitor. Essa avaliação pode, certamente, colaborar ainda mais para o melhor desempenho dos monitores e para a melhoria do projeto como um todo.

Considerações Finais

No presente artigo, focalizamos o trabalho do CLAC sob alguns aspectos centrais como o de formação do professor em um sentido mais amplo — o de facilitador da aprendizagem no grupo, o de mediador de discussões —. No entanto, existe outro lado da formação do professor que merece especial atenção: a formação contínua no conteúdo da disciplina de sua especialidade.

Assim, não podemos deixar de mencionar o papel desempenhado pelo CLAC no sentido de reforçar o conteúdo aprendido pelos monitores e auxiliá-los em sua formação contínua como professores e falantes da língua estrangeira que estão ensinando. Começamos o presente artigo mencionando o binômio “domínio do conteúdo” e “domínio de como ensinar”. O bom pedagogo é aquele que reconhece suas dificuldades e pontos fracos, é aquele que procura ajuda quando se depara com dúvidas. Certamente, a proximidade com outros colegas que trabalham na monitoria e os encontros semanais com o orientador contribuem para que o monitor sinta-se à vontade para perguntar sobre suas dúvidas de gramática ou uso da língua, dúvidas que, às vezes, são comuns a muitos monitores.

Desde o início da instituição *Escola*, muito já foi dito sobre o papel do professor: educador, personagem central no processo ensino-aprendizagem, personagem que ao invés de centralizar o conhecimento deve levar seus alunos à autonomia. Espaços como o CLAC valorizam esse profissional e o levam a questionar-se sobre sua própria prática. Mostram que o domínio do conteúdo não é tudo, que o professor competente é aquele que conhece sua disciplina, mas que, sobretudo, sabe como trazê-la para mais perto de seu público alvo. Muitos ex-monitores do CLAC são agora parte de uma equipe de professores de língua em um estabelecimento de ensino e estão contribuindo lá também para continuar a levantar questionamentos sobre o trabalho e o papel do professor nos dias de hoje. E são esses os questionamentos que podem renovar a prática docente.

Cada geração relança o debate em torno dos programas, de sua sobrecarga; redescobre a necessidade de levar-se em consideração a globalidade da pessoa; insiste no sentido dos conhecimentos e de sua contextualização; tem a sensação de ter, finalmente, posto o dedo sobre o fundo do problema e ter encontrado a solução. Houve um real progresso? Talvez a abordagem por competências na reformulação dos programas escolares não seja senão a derradeira metamorfose de uma utopia muito antiga: fazer da escola um lugar onde cada um aprenderia livre e inteligentemente coisas úteis na vida... (PERRENOUD, 1999, p. 96)

Notas

¹ Professora Adjunta de Língua e Literatura Francesa na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Referências

BESSA, V. da H. *Teorias da Aprendizagem*. Curitiba: IESDE Brasil SA, 2008.

GÓMEZ, A.P. O pensamento prático do professor. A formação do professor como profissional reflexivo. In: NÓVOA, A. (org.) *Os professores e sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

PERRENOUD. *Construir competências desde a escola*. Porto Alegre: Artmed, 1999.